

## **Expressão Múltipla II: Teoria e Prática do Desenho**

### **A LINHA TRACEJADA: OBSERVAÇÕES DE UM DESENHADOR**

Jorge Leal

CIEBA - Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes  
FBAUL - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

#### **RESUMO**

O texto é construído como uma reflexão pessoal de um desenhador que simultaneamente produz desenho e pensa sobre a tradução da realidade que decorre dessa prática artística. Proponho uma inventariação das linhas tracejadas encontradas nos ambientes que frequentamos e nos objetos que manuseamos para entender as suas potencialidades de integração e tradução visual. Por outro lado, analiso o corpo de trabalho de artistas que utilizam a linha tracejada, pontual ou continuamente, procurando entender as suas estratégias gráficas. Por último, analiso a utilização da linha tracejada no meu próprio trabalho contextualizado pelo trabalho dos artistas examinados anteriormente. Através deste estudo comparado, pretendo evidenciar a importância de um olhar permanentemente atento que estimula quer a reflexão teórica sobre desenho quer o trabalho de tradução gráfica mais adequada para a realidade que se observa.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Linha Tracejada, Linha Pontilhada, Desenhar, Processo

#### **ABSTRACT**

The text is constructed as a personal reflection of a draughtsman who simultaneously produces drawing and thinks about the translation of reality arising from this artistic practice. I propose an inventory of dashed lines found in the environments we attend and in the objects we manipulate in order to understand their integration potential and visual translation. On the other hand, I analyze the body of work of artists who use the dashed line, punctually or continuously, trying to understand their graphic strategies. Finally, I analyze the use of dashed line in my own work contextualized by the work of the artists examined previously. Through this comparative study, I intend to highlight the importance of a permanently attentive look that stimulates both the theoretical reflection on drawing and the work of graphic translation more adequate for the reality observed.

#### **KEY WORDS**

Dashed Line, Dotted Line, Drawing, Process

Esta reflexão teve início ao relacionar os meus passos na areia e as luzes de sinalização de um avião no céu noturno, que me fizeram querer verificar que outras linhas tracejadas existiriam em meu redor. Durante meses compilei uma lista que me permitiu ter uma visão alargada da linha tracejada enquanto fenómeno visual:

- rasto de gotas de água no vidro do comboio
- marcação das ruas e estradas

- fronteiras e hierarquias de percursos nos mapas
- linhas tracejadas entre pisos de uma axonometria explodida de um edifício ou nas instruções de montagem de móveis e modelos à escala
- linha pontilhada entre um numeral e o título de um capítulo no índice de um livro
- bolo decorado com colunas de esferas
- casaco com marcações de alfaiate
- jogos infantis onde à volta das figuras existe uma linha tracejada por onde se deve cortar para destacar a figura da folha do livro
- modelo anatómico de acupuntura coberto de pontos unidos por linhas
- mapas estelares
- na segunda temporada da série *Stranger Things*, Dustin utiliza a linha tracejada de fatias de mortadela para atrair Dart, o demodog, desde o seu quarto até ao interior da arrecadação<sup>9</sup>, como Hansel e Grethel ao usarem seixos e migalhas de pão (Brothers Grimm, 1812, pp. 99-102)
- marcos quilométricos na beira das estradas
- fila de formigas a subir uma parede
- *Pac-Man*<sup>10</sup> a devorar a linha tracejada
- instrução de abertura de embalagens
- sítio onde devemos assinar num documento oficial (Ingold, 2007, p. 94)
- passatempo de unir pontos para surgir uma figura
- rebites na fuselagem dos aviões
- coluna de botões de um casaco
- orifícios de balas
- visor de porta feito de chapa metálica perfurada
- bolas alinhadas sobre o feltro verde da mesa de *snooker*
- borbulhas e sinais na pele
- iluminações de natal

---

<sup>9</sup> Episódio 5 “*Dig Dug*”, da 2ª temporada da série de televisão criada pelos irmãos Duffer, 2017.

<sup>10</sup> Jogo de vídeo de 1980 produzido pela Namco.

- gotas de sangue alinhadas no chão
- os desenhos das crianças de raios do sol, gotas da chuva ou o movimento de um avião no céu
- um soldado a ser tatuado em *An Officer and a Gentleman*<sup>11</sup> me ter feito pensar na definição de linha de Leon Battista Alberti (1404-1472) em que uma linha pontilhada se confunde com uma linha contínua (Alberti, 1435, p. 37)
- um gráfico com o desempenho comparativo de várias variáveis
- bainha de calças
- descrição do percurso das balas e a indicação de um olhar num álbum do *Lucky Luke*
- a indicação do movimento de abertura das portas nas plantas de arquitetura
- um seixo atirado sobre a água salta cinco vezes
- decoração de azulejos
- orifícios em tampas de caixas do correio

Este mapeamento permitiu-me, em primeiro lugar, verificar as várias configurações possíveis da linha tracejada, entre a linha constituída por pontos (pontilhada) e a linha construída a partir de segmentos de linha contínua de tamanhos variados (tracejada). A partir dos exemplos reunidos pude concluir que a linha tracejada tem duas presenças distintas: representa uma coisa (orifícios de balas, sinais na pele, constelações) ou substitui através de uma linguagem visual codificada (abertura de uma porta, movimento de uma bala). Interessou-me especialmente que quando a linha tracejada é codificada ela representa uma não existência, que corresponde a um raciocínio visualmente materializado mas não a uma representação de algo em concreto (caso dos desenhos técnicos). Verifiquei também que a linha tracejada assume a responsabilidade de alternativa (gráfico comparativo), que pode servir como um código de passagem de tempo (pegadas), que explicita relações entre coisas (entre peças a montar) ou que torna visível o que é invisível (limite espacial). Sobretudo, a linha tracejada existe como uma presença provisória (seixo a saltar na superfície da água, luzes no céu).

De seguida, interessava-me perceber se no trabalho de artistas dedicados à figuração, uma vez que é a minha área de interesse, através dos exemplos mais

---

<sup>11</sup> Filme de 1982 realizado por Taylor Hackford.

significativos, poderia identificar alguma atenção às linhas tracejadas e entender as suas estratégias de utilização nas respectivas pesquisas visuais.

Os exemplos mais remotos que encontrei de utilização de uma linha pontilhada remontam ao século XIII a.C. nas pinturas murais egípcias da região de Tebas. No túmulo de Ipy, a linha pontilhada representa costuras em sacos de tecido, enquanto que no túmulo de Panehsy linhas pontilhadas concêntricas representam cereal dentro de um cesto carregado por um burro. O que me interessa particularmente nestes exemplos é a percepção da possibilidade de a linha pontilhada poder representar de um modo realista esses pormenores, ao mesmo tempo que, como em toda a produção pictórica egípcia, se assume como uma unidade dentro do conjunto de elementos gráficos fortemente padronizados.

Na pintura mural funerária etrusca há alguma abundância na utilização da linha pontilhada nas representações. No túmulo dos Touros em Tarquinia (c. 530 a.C.), a coluna vertebral de um touro antropomórfico aparece sob a pele através do recurso a uma linha tracejada. Também em Tarquinia no túmulo dos Augúrios (c.520 a.C.) a linha pontilhada representa detalhes decorativos num pote assim como a costura da bainha da túnica do personagem à esquerda. No túmulo de Francisco em Vulci (séc. IV a.C.) a linha tracejada representa o sangue a jorrar do ferimento provocado pela lâmina de uma espada numa cena de combate. Os três exemplos demonstram a utilização da linha tracejada e pontilhada como um elemento realista, que representa uma coisa concreta, à semelhança dos exemplos egípcios.

Piero della Francesca (1416-1492) nos frescos da basílica de S. Francisco em Arezzo, delimita as silhuetas e as linhas internas das figuras (detalhes das mãos, pés, olhos, unhas, cabelos e pregas de pele) com linhas pontilhadas realizadas com a técnica renascentista do *spolvero*<sup>12</sup> (Bambach, 1999, pp. xi e 79-80). Embora essas linhas tenham ganho uma permanência involuntária por não terem sido apagadas durante a construção da pintura (Leal, 2017, pp. 82-83), elas veiculam eficazmente a delicadeza dos pormenores.

Aubrey Beardsley (1872-1898) na série de ilustrações *Lysistrata* (1896) utiliza a linha pontilhada em pormenores de pele, cabelos, frisos em potes e gases intestinais. Os

---

<sup>12</sup> Técnica que consiste em utilizar um desenho sobre papel perfurado que serve para transferir uma imagem para a superfície do estuque dos frescos através de pó contido em pequenas bolsas de pano que se esfregam ou batem sobre o picotado.

temas erótico e humorístico são de algum modo suavizados pela subtileza do trabalho da linha pontilhada.

Amedeo Modigliani (1884-1920) tem uma abordagem muito semelhante a Piero della Francesca, neste caso em desenhos sobre papel. Embora recorra a linhas pontilhadas e tracejadas por vezes no mesmo desenho, elas definem pormenores das suas figuras, nomeadamente linhas de costas, definição de peitos, pregas de pele, cana do nariz, pálpebras, mamilos, ou seja, todos os pormenores dentro da silhueta que é definida por uma linha contínua. O desenho de Modigliani tem uma execução acelerada, o que pode fazer com que algumas linhas pontilhadas se tenham tornado tracejadas na execução.

W John Hewitt (n. 1955) faz uma utilização recorrente da linha pontilhada nos seus desenhos de diário gráfico<sup>13</sup>, utilizando-a para obter efeitos de gradação de sombras e descrição volumétrica.

Marlene Dumas (n. 1953) na obra *Before Birth* (1989) traduz a textura do crânio do feto com linhas pontilhadas azuis. Ao contrário de utilizar a acumulação de pontos como uma mancha, a solução encontrada foi a de desenhar linhas pontilhadas circulares que funcionam duplamente como linhas e textura.

Vincent van Gogh (1853-1890), utiliza a linha tracejada como solução gráfica para traduzir detalhes em desenhos de paisagens, especificamente linhas que traduzem um pormenor visualmente mais ténue.

Joaquim Rodrigo (1912-1997) utiliza a linha traceja recorrentemente associada ao tema da viagem, como no trabalho *Lisboa - Oropesa* (1969) numa tradução literal das marcações das estradas numa simultânea evocação da memória como incitamento à viagem.

Philip Guston (1913-1980) utiliza a linha tracejada como representação de água a brotar de uma fonte e, de um modo recorrente, numa solução semelhante ao exemplo egípcio, como descrição das costuras das máscaras das suas personagens.

Ana Jotta (n. 1946) no desenho *Projeto de Duplo Acento* (1981) constrói os corpos das figuras de um modo diagramático em que os seus membros e coluna vertebral são desenhados com uma linha tracejada. Considero particularmente interessante esta solução por indicar a hierarquia entre os elementos do desenho: o objeto assume a imutabilidade através da linha contínua, enquanto que as figuras na sua

---

<sup>13</sup> Ver desenho de 24 de Novembro de 2018, 8:35 a.m.

presença variável e provisória são desenhadas com uma linha que Jotta considerou mais eficaz para descrever essas características.

Ilda David (n. 1955) faz uma utilização da linha tracejada ao desenhar silhuetas de figuras ou detalhes de paisagens. É interessante que a rapidez da execução faça com que por vezes a linha se torne quase contínua com variações de espessura.

Pedro Cabrita Reis (n. 1956) num desenho de um nu masculino visto de costas, optou por desenhar o sexo oculto com linhas tracejadas, a indicar a opacidade do corpo, numa estratégia semelhante à de um desenho técnico.

Raymond Pettibon (n. 1957), com uma obra assente no desenho e numa linguagem assumidamente gráfica, é um desenhador que utiliza surpreendentemente pouco a linha tracejada. Em *No Title (What's the Idea?...)* (1993) ela serve para veicular a ideia visual de clarão de luz emitido por uma lâmpada. Utilização semelhante em *No Title (That Intense and...)* (1992) neste caso para evidenciar a intensidade do olhar.

Jean-Michel Basquiat (1960-1988) em *Untitled (Gene Kelly)* (1984) faz uso da linha tracejada para relacionar visualmente Gene Kelly e o seu filme mais popular, numa representação da chuva próxima dos desenhos infantis.

No desenho de Gonçalo Pena (n. 1967) *Nye Eventyr* (2014) um jorro de urina é representado com uma linha tracejada e num desenho *Sem Título* (2009) uma linha pontilhada substitui-se a uma flatulência.

Mark Manders (n. 1968) em *Study for Substratum Trick* (2002) a linha tracejada serve para indicar a direção do olhar, para clarificar a relação entre os olhos observadores e o objeto humano, numa utilização prática semelhante à praticada por Morris. No desenho *Landscape with Three Kinds of Rain* (2002) três linhas tracejadas diferentes representam três tipos de chuva, numa lógica semelhante aos dos desenhos das crianças. E em *Snare Drum Drawing* (2002) a urina é indicada por duas linhas tracejadas como num desenho obsceno de casa de banho. Tanto Pena como Manders demonstram um sentido de humor na significação da linha tracejada e pontilhada posicionando o desenho entre erudição e puerilidade.

Apesar de alguma variedade, estes exemplos revelaram a escassez generalizada da presença da linha tracejada como solução gráfica. Apenas Hewitt, Rodrigo e Guston



Fig. 1, 2017, *Salt is a Magnifying Lens for Flavour*, 75x120 cm, óleo sobre tela

têm no seu repertório a linha tracejada e pontilhada; para os restantes casos é um recurso pontual.

Restava-me examinar o meu trabalho e verificar se esta realidade era de algum modo contrariada. Em *Salt is a Magnifying Lense for Flavour* (Fig. 1) a linha tracejada serve para veicular uma silhueta pouco definida e em *Video Art is Boring* (Fig. 2) ela serve para indicar a projeção. No desenho *They Spy on Us* (Fig. 3) a linha tracejada

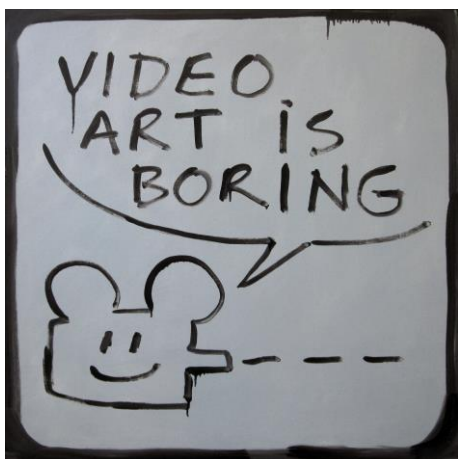


Fig. 2, 2016, *Video Art is Boring*, 80x80 cm, óleo sobre tela

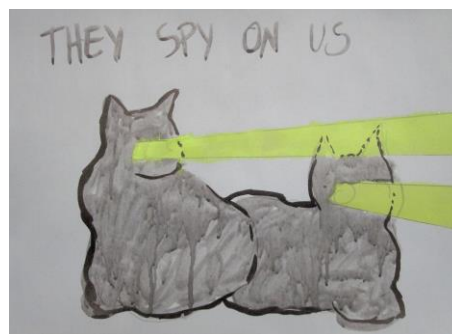


Fig. 3, 2018, *They Spy on Us*, 30x42 cm, tinta da China e acrílico sobre papel

serve para mostrar as formas por detrás do raio de luz. No desenho *Prognata* (Fig. 4) a linha tracejada define uma sutura craniana. *Cracked Spine and Cover* (Fig. 5), como no exemplo anterior, a linha tracejada é utilizada de um modo descritivo ao mimetizar os vincos do papel. Encontrei mais alguns exemplos mas a verdade é que a linha tracejada é tão periférica no meu trabalho como no trabalho dos artistas analisados anteriormente.

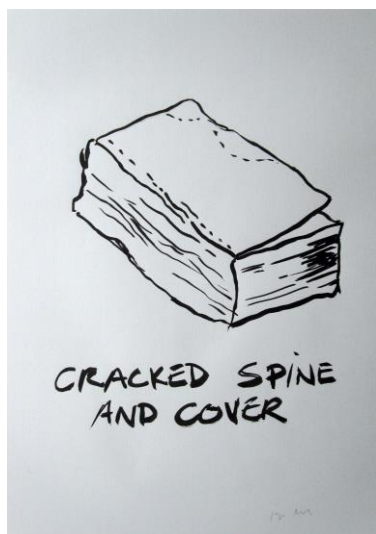


Fig. 5, 2016, *Cracked Spine and Cover*, 45x30 cm, tinta da China sobre papel



Fig. 4, 2017, *Prognata*, 24,5x22,5 cm, tinta da China sobre papel

Parecia-me evidente, no início desta pesquisa, que o desenho demonstraria uma maior atenção face a presenças visuais tão numerosas e variadas da linha tracejada incorporando-as de um modo igualmente abundante. Ao verificar a sua presença recorrente no universo do desenho técnico e design gráfico, disciplinas igualmente de reinterpretação da realidade visual, tudo parecia indicar que assim aconteceria. A abundância da linha tracejada em nosso redor e a sua adaptabilidade às particularidades de cada desenhador produzem, no entanto, muito pouco desenho. A justificação para este facto poderia advir da artificialidade de com um gesto de mão ou braço desenhar uma linha interrompida face à naturalidade de desenhar uma linha contínua. Ou poderíamos pensar que a linha tracejada existe maioritariamente numa lógica de um desenho mais demorado na sua construção. Mas os desenhos de Pettibon, Pena ou Manders demonstram que mesmo o gesto rápido a pode incorporar num desenho mais esboçado. Por outro lado, a partir dos exemplos reunidos, verifica-se que a linha tracejada pode ser apropriada pela linguagem personalizada de cada artista como acontece com a linha contínua, passando a fazer parte do reportório do desenho dos artistas. Este facto é evidente quando analisamos o carácter caligráfico das linhas tracejadas em todos os exemplos e se pode verificar que a apropriação é evidente, que a linha tracejada mantém uma relativa abstração e universalidade no modo como é desenhada ao mesmo tempo que existem diferenças autorais. O argumento final seria o de que a linha tracejada está maioritariamente associada à representação com um carácter eminentemente gráfico em que serve como solução simbólica de algo e não como a sua representação. Este argumento seria válido para justificar que apenas algumas linguagens artísticas conseguem incorporar esses elementos sem que eles constituam uma disrupção face ao resto da representação. No entanto, a linha contínua encontra um lugar dentro das linguagens mais conservadoras sem que esse facto constitua uma qualquer adulteração da coerência do desenho. Esta situação paradoxal poderá encontrar uma justificação na valorização do permanente, do uno, características associadas à linha contínua. A linha tracejada é descontínua, permite o atravessamento visual, tem uma textura própria construída pelos seus elementos constitutivos. Parece-me que há uma falta de atenção por parte de nós desenhadores, que estamos a esquecer parte da gramática gráfica ao construir os nossos desenhos. Esta reflexão serve para que como desenhador me sinta motivado a explorar mais a linha tracejada no meu desenho, de a utilizar tanto como a linha contínua ou o ponto ou a mancha, para tornar os meus desenhos visualmente mais diversificados e reveladores do que me rodeia.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, L. B. (1435). *On Painting*. Reedição, 2004, Penguin. London
- Alexandre, N. (1993). *The Unknown Modigliani*, Harry N. Abrams. New York.
- Bambach, C. (1999). *Drawing and Painting in the Italian Renaissance Workshop: Theory and Practice, 1300-1600*, Cambridge University Press. Cambridge.
- Boogerd, D., Bloom, B. e Casadio, M. (1999). *Marlene Dumas*. Reedição, 2002, Phaidon. London.
- Brothers Grimm. (1812). *The Fairy Tales of the Brothers Grimm*. Reedição, 1909, Doubleday, Page & Co. New York.
- Chapoulie, E. e Moreu, S. (coords.). (1999). *Jean-Michel Basquiat, Oeuvres sur Papier*. Galerie Enrico Navarra. Paris.
- Calloway, S. (1998). *Aubrey Beardsley*. V & A Publications. London.
- D'Ancona, P. (1980). *Piero della Francesca, Il Ciclo Affrescato della Santa Croce nella Chiesa di S. Francesco in Arezzo*. Silvana Editoriale. Milano.
- Faria, N. (ed.). (2016). *Ilda David, Do Negro a Luz, Desenho 1986-2016*. Fundação Carmona e Costa. Lisboa.
- Fuchs, R., Kuspit, D. e Pernes, F. (1982). *Lis' 81, Lisbon International Show, International Exhibition of Drawings, Portugal*. Direcção Geral da Acção Cultural. Lisboa.
- Giuliano, A. e Buzzi, G. (1992). *Splendeurs Étrusques*. Herscher. Paris.
- Gusmão, J. M. e Paiva, P. (2014). *Gonçalo Pena, Monkey Trip*. Mousse Publishing. Milan.
- Hewitt, J. W., s.d. *w\_john\_hewitt*. Acedido em 4-12-2018, em [https://www.instagram.com/w\\_john\\_hewitt](https://www.instagram.com/w_john_hewitt).
- Ingold, T. (2007). *Lines: A Brief History*. Routledge. London and New York.
- Klein, M. (2017). *Modigliani Unmasked*. Yale University Press. New Haven and London.
- Lapa, P., e Ávila, M. J. (1999). *Joaquim Rodrigo, Catálogo Raisonné*. Museu do Chiado. Lisboa.

Leal, J. (2017). *Da Presença do Desenho na Pintura: A Linha Transformadora*. Tese de Doutoramento em Desenho. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Lisboa. 212 pp.

Loock, U. e Falckenberg, H. (eds.). (2016). *Raymond Pettibon, Homo Americanus, Collected Works*. David Zwirner Books. New York.

Manders, M. (2002). *Several Drawings on Top of Each Other*. Roma Publications. Amsterdam.

Mekhitarian, A. (1954). *La Peinture Égyptienne*. Reedição, 1978, Skira. Genève.

Miller, P. B. (ed.). (2010). *Philip Guston: Roma*. Hatje Cantz Verlag. Ostfildern.

Morris e Goscinnny. (1971). *A Caravana*. Reedição, 1977, Livraria Bertrand. Lisboa.

Neret, G. (1994). *Erotica Universalis*. Taschen. Köln.

Reis, P. C. (2011). *The Whispering Paper*. Assírio & Alvim. Lisboa.

Wolk, J., Pickvance, R. e Pey, E. B. F. (1990). *Vincent van Gogh: Drawings*. Arnoldo Mondadori Arte. Milan.